



SANTIAGO, Silvano. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Recife: Cepe, 2017.

Danielle Corpas

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
daniellecorpas@letras.ufrj.br

Recentemente saíram no Brasil dois títulos de Silvano Santiago dedicados a Guimarães Rosa: o *e-book* *Porque amo Rosa* (São Paulo: e-galáxia, 2016) e *Genealogia da ferocidade*, originalmente preparado como prefácio à edição de *Grande sertão: veredas* da coleção venezuelana Biblioteca Ayacucho. Vamos ficar aqui com o segundo, uma intervenção mais incisiva nos debates sobre Rosa.

O autor refuta ferozmente todo um acúmulo crítico que vem se formando desde o lançamento do romance de 1956. Tomando como momento inaugural a leitura de Antonio Candido em “O homem dos avessos” – “a mais notável e brilhante” entre “todas as primeiras respostas unilaterais e egoístas” ao livro (SANTIAGO, 2017, p. 35) –, procura desconstruir a lógica de abordagem que relaciona a criação sem par do escritor mineiro à história da literatura ou do Brasil (a seu ver, uma recepção hegemônica e acomodatória, redutora da alta potência de impacto desestabilizador que tem o texto). Em contrapartida, propõe “o modo de abertura ao mundo do olhar e do corpo animal, questão que fascina, mas que ainda embrutece o pensador que só consegue se afirmar teoricamente pela visão antropocêntrica do mundo” (SANTIAGO, 2017, p. 107).

Já por essa breve descrição deve ser fácil notar que estão sendo levadas adiante divergências que vincam o campo da crítica literária brasileira, vindas de longa data, com marco na polêmica entre Silvano

Santiago e Roberto Schwarz a propósito de dependência cultural na América Latina. *Genealogia da ferocidade* se arma como mais um momento da competição (para lembrar um título de Schwarz) entre perspectivas teóricas influentes e conflitantes. Tanto que, ao lado de Candido, Schwarz é um dos poucos críticos brasileiros cujas proposições sobre a obra de Rosa são discutidas. Não há referência a estudos recentes que, indiretamente, o ensaio metacrítico contradiz – nem a leitura mais amadurecida de Candido, em “Jagunços mineiros de Cláudio a Guimarães Rosa”, é levada em conta. Quem acompanha os debates sobre *Grande sertão: veredas* sabe que, dos anos 1990 para cá, quando preponderavam interpretações de signos esotérico-filosóficos e elogios ao virtuosismo linguístico-compositivo do escritor, uma série de trabalhos reconfigurou a recepção do romance, passando, com resultados bem diversos, pela consideração da matéria brasileira. Por mais que um prefácio dirigido a leitores estrangeiros não possa mesmo deter-se em pormenores de uma extensa fortuna crítica local, a mira direcionada à primeiríssima recepção acaba por fazer *tabula rasa* de uma discussão que se adensou bastante entre nós.

O pressuposto inicial da *Genealogia* é o mesmo que comandou “A lição inaugural de Clarice Lispector” (SANTIAGO, 1997): em ambos os casos, estaríamos diante de escrita que configura exceção absoluta na literatura brasileira, totalmente desconectada do que lhe antecede. *Grande sertão: veredas* é apresentado como “objeto estético insólito”, “monstro” de “beleza selvagem” (SANTIAGO, 2017, p. 11), que irrompe no sistema literário brasileiro de modo intempestivo, sem qualquer vínculo de ordem histórica. Certo, Guimarães Rosa é um escritor singularíssimo, mas daí a concluir que relações com predecessores, contemporâneos ou pósteros pouco interessam quando se trata da criação do gênio... Como demonstrou Luis Bueno, é preciso pensar bem antes de ratificar o “lugar-comum da história literária brasileira” que tende a isolar Rosa e Clarice como “demiurgos de si mesmos”.¹

¹ “A questão a se colocar é se de fato esses escritores têm a força de, para além de tirar do nada suas obras, conseguir legitimá-las num ambiente literário totalmente estranho a elas, ou se, ao contrário, a leitura que se faz da tradição da prosa brasileira de ficção não tem deixado de lado experiências importantes de forma a dar a falsa impressão de que Guimarães Rosa e Clarice Lispector são casos absolutamente isolados, verdadeiros meteoros caídos sobre nós para extinguir velhos dinossauros e iniciar uma era povoada de outros animais”. (BUENO, 2001, p. 250).

É nisso que insiste Silvano Santiago: para penetrar de fato no *Grande sertão*, convém não considerar a história da literatura – seja a brasileira, estreita demais em relação à “bitola larga, larguíssima da modernidade literária” daquela “aberração inquietante, perturbadora e solitária” (SANTIAGO, 2017, p. 24); seja a chamada “ocidental”, considerada tão somente como sustentáculo de visadas eurocêntricas que submetem o romance a um paradigma incompatível com sua “qualidade selvagem” (SANTIAGO, 2017, p. 11). Correlações com a história da literatura seriam tentativas de domesticar um monstro que nos desafia, forçar a acomodação desse ente intratável, irreduzível a explicações, em um lugar pré-moldado. O mesmo se aplica a correlações com a história do Brasil. O ensaio denuncia tudo isso como “sobrecapas” impostas por críticos aos quais é atribuída a (des)qualificação de “adestradores” – aqueles cujas leituras obliteram a fruição não mediada de uma inquietante beleza monstruosa.

Em *Grande sertão: veredas*, a *qualidade selvagem* dessas regiões coloniais se materializa na complexa e intrincada *beleza monstruosa* de obra artística *sui generis*, descomprometendo-a temática, histórica, social e ideologicamente da artificialidade cultural operada pelos sucessivos exercícios de racionalização e de controle da barbárie por diferentes estilos-de-época ou pelos bons e progressistas sentimentos nacionalistas que embasam as manifestações letradas nas antigas colônias europeias e, na realidade, em todas as nações recém-independentes do jugo antropocêntrico e eurocêntrico do planeta. (SANTIAGO, 2017, p. 29; grifos do autor).

A proposta para fazer jus à ferocidade do *Grande sertão* consiste em “matar à mão curta, à semelhança do jagunço, o principal adestrador do mostro do Alto São Francisco. Ou seja, é chegado o momento de enfrentar o crítico e o historiador de literatura que adota valores universais *eurocêntricos*” (SANTIAGO, 2017, p. 100; grifo do autor). Dando nome aos bois: seria chegado o momento de libertar o monstro do efeito de uma tradição crítica (reputada hegemônica e eurocêntrica) que se fundou com Antonio Candido; desviar a discussão do legado do “mestre da USP” (SANTIAGO, 2017, p. 76) para desvincular o romance de qualquer lastro na história (da crítica, da literatura, do Brasil) e experimentar sua potência *wilderness*. “Desconstruir significa desatar o elo proposto pela tradição historicista e amistosa” (SANTIAGO, 2017,

p. 101), investir no “*desabono do tempo histórico*” (SANTIAGO, 2017, p. 103; grifo do autor): “O monstro não quer representar nada; é apenas Espaço-sem-Tempo no planeta Terra. É *wilderness*, do momento em que, desprovido dos marcos pré-determinados pelo saber histórico, se encontra apenas configurado pelas balizas que lhe são próprias e legítimas” (SANTIAGO, 2017, p. 104). Comparecem nesses passos da argumentação outros pressupostos: “tempo histórico” se reduz a determinação cronológica; “saber histórico” figura como “História oficial” (SANTIAGO, 2017, p. 47), algo unívoco e pré-fixado (em “marcos”), externo à obra de ficção – nunca como possibilidade para conhecimento de processos objetivos que se possa elaborar no ato da crítica à composição estética. De modo equivalente, ao ponto de vista interessado na particularidade de experiências sociais experimentadas no Brasil é estendida, subliminarmente, a atribuição daqueles “sentimentos nacionalistas” referidos no trecho transcrito acima.

No afã de defender a leitura de *Grande sertão: veredas* como Espaço-sem-Tempo, Silviano Santiago chega a afirmar peremptoriamente que é gesto crítico arbitrário levar em consideração o contexto da Primeira República quando se trata de “trama selvagem desprovida de marco histórico rigoroso” (SANTIAGO, 2017, p. 47). É verdade que o narrador Riobaldo não fornece datas precisas, mas sabemos que há índices, como a menção à Coluna Prestes e a certidão de nascimento de Diadorim – datada “da era de 1800 e tantos...” (ROSA, 1986, p. 535) –, que permitem, sim, situar a ação. Mesmo sendo parcos os marcos cronológicos, uma série de outros elementos evidencia o solo histórico em que têm lugar as aventuras do ex-jagunço. Esse tipo de dado textual é sonogado ao leitor de *Genealogia da ferocidade*.

Por essas e outras, é preciso estar atento à estratégia argumentativa do autor de *Vale quanto pesa*, que recorre a dois pesos e duas medidas em seu *playdoier* pela leitura de *Grande sertão: veredas* proposta “ao possível leitor desconstrutor de nossos dias”, a cuja imaginação o romance *wilderness* “chega sob a forma de mistério” insondável (SANTIAGO, 2017, p. 33), diante do qual a atitude preconizada é deixar-se absorver pelo indecível, lançar-se ao aberto. Não é que a desconstrução chancele algum vale-tudo impressionista, isso fica claro:

A desconstrução não visa a escorraçar do palco da arte a crítica especializada, por isso não tem como finalidade exibir a criação literária – o romance ou o poema – tal e qual. Ela simplesmente questiona os labirintos corretos ou os subterfúgios mistificadores usados pelos adestradores para deles se valerem com ou sem pertinência. Nomeia uma estratégia teórica, embora não indicie um caminho teórico único. [...] A desconstrução é, em última análise, um projeto frontal e circunlunar de *convivência conflitiva* com o objeto literário somado à prole interpretativa que ele alimentou. (SANTIAGO, 2017, p. 96; grifos do autor).

O problema é a pertinência dessa estratégia que, dando-se a liberdade de “simplesmente” questionar inclusive “labirintos corretos” da crítica especializada, emite juízos operando com dois pesos e duas medidas. Acena ao leitor desavisado com promessa libertária de não indicar “caminho teórico único” e, na prática, acaba por submetê-lo a um arbítrio. A discussão do eurocentrismo é um exemplo de linha de força no ensaio que fica enfraquecida por causa disso. É denunciada como eurocêntrica, recusada terminantemente, a “prole interpretativa” de *Grande sertão: veredas* que leva em conta ressonâncias da tradição literária ocidental, como o romance de cavalaria e o mito fáustico. Essas matrizes, de fato, se tomadas como chave de leitura, tornam-se restritivas. Mas não deixam de ser elementos flagrantes na composição de Rosa, portanto remeter a elas não constitui mera veleidade de intérprete – pelo contrário, é uma questão crítica relevante a incorporação dessas referências na criação do sertão roseano, já que conferem à trajetória de Riobaldo uma aura de heroísmo universalista e mitificado. Silviano Santiago nem faz esse tipo de ponderação nem explica porque, se cânone literário não interessa, porque sua *Genealogia* segue um cânone teórico validado *a priori* – Agamben, Derrida, Pierre Clastres, Heidegger...

Apoiada nessas bases, a leitura de *Grande sertão: veredas* como Espaço-sem-Tempo procura afirmar-se contra suposta hegemonia de uma tradição crítica, mas redundando em reafirmação de lugares-comuns na recepção de Guimarães Rosa – ou seja, o que se pretende ruptura radical acaba resultando em mais do mesmo. Reedita-se, por exemplo, o repetidíssimo elogio à ambiguidade e à abertura do romance para a infinidade – lidas agora, e não pela primeira vez, como indecisão lúdica, a partir da “lição de Derrida” (SANTIAGO, 2017, p. 69). A “indecisão metafísica” (SANTIAGO, 2017, p. 68) – o *tudo é e não é*, máxima de

Riobaldo que emblematiza um princípio estruturante do romance – costuma ser tomada como absolutamente positiva, como se fosse convite à liberdade. Raramente é pensada como limite, giro em falso, sintoma de uma má-infinitude ou eterna não-superação de problemas históricos, da vida social.

Outro lugar-comum que o ensaio reitera: a própria figura de Riobaldo permanece inabalável em posição dignificada, já não como “homem humano” (ROSA, 1986, p. 538), o que é mais comum, mas por sua *ferocidade*, indomável violência superadora, de certo modo redentora. Não são postos em xeque o oportunismo brutal do herói em sua atuação como chefe de jagunços, o pacto com o poder dos fazendeiros que constitui solução individualista para alçar-se à posição vantajosa de proprietário em que se encontra na velhice (com os ex-companheiros de jagunçagem submetidos a seu favor e arbítrio na condição de meeiros em suas terras), ou a autojustificação do narrador que nos coopta, com estratégias discursivas que amenizam sua parcela de responsabilidade pela manutenção de um estado de coisas catastrófico no sertão. Em *Genealogia da ferocidade*, o sertanejo Riobaldo é apresentado como objeto da “forma primeiríssima de *domesticação*” (SANTIAGO, 2017, p. 63) operada pelo “pseudonarrador anônimo” (SANTIAGO, 2017, p. 60), o visitante urbano e letrado, personagem silenciado a quem se dirige o fluxo oral do relato: “o observador se transforma em coprotagonista, servindo de contraponto domesticador das ideias mais afoitas ou mais destemperadas do jagunço observado” (SANTIAGO, 2017, p. 66). A hipótese segundo a qual a “fala selvagem do jagunço” (SANTIAGO, 2017, p. 62) é domesticada na construção do texto pelo pseudonarrador, duplo do autor, desconsidera o quanto o ex-jagunço fazendeiro, que se admite “sofismado de ladino” (ROSA, 1986, p. 7), maneja com solércia o andamento da narração, de tal modo que suas controversas ações pregressas acabam justificadas aos olhos de seu interlocutor, também duplo do leitor: “Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou” (ROSA, 1986, p. 538). Afinal, quem submete quem?

O ensaio de Silviano Santiago é contundente, com passagens especialmente instigantes para discussões sobre a moldura dramática da “conversa nossa de relato” (ROSA, 1986, p. 397), a reação de Guimarães Rosa à primeira recepção de seu romance, a construção de sua “*persona* de escritor de gênio” (SANTIAGO, 2017, p. 18) e o modo como facetas do sertão roseano são apropriadas por Glauber Rocha. Traz

a marca da capacidade de Silviano Santiago em manter-se alinhado à “contemporaneidade teórica” (SANTIAGO, 2017, p. 80); há décadas criativo em sua deriva por vertentes em voga a cada momento, como agora algo do pós-humanismo, temperado com pós-estruturalismo e pós-colonialismo. Daí a relevância conferida à “questão de *gender*” (SANTIAGO, 2017, p. 85); daí que a desconstrução desemboque na prescrição do “abandono de toda perspectiva *antropocêntrica*” (SANTIAGO, 2017, p. 105), valorizando, acima de tudo, a “perspectiva da percepção animal” a partir da “lição de Uexküll” (SANTIAGO, 2017, p. 109) – biólogo que inspirou Heidegger em cursos ministrados entre 1929 e 1930, lembrados por Agamben em *O aberto*.

Mas, em prol da leitura de *Grande sertão: veredas* como experiência corpórea orientada por “sensações e emoções térmicas” (SANTIAGO, 2017, p. 109), com o desabono do tempo histórico, *Genealogia da ferocidade* coloca em segundo plano dores do corpo social, complicações da vida brasileira que podem ser pensadas – e vêm sendo – com a composição de Guimarães Rosa. Mesmo que haja no romance algo do *Umwelt* de Uexküll, a opção do crítico desconstrutivista por aconselhar esse viés para a leitura, abafando a possibilidade de discussão da história e da sociedade, é, no mínimo, curiosa. Dado o momento regressivo que vivemos, o que significa esse elogio a irracionalismo hedonista² a propósito de um romance que pode despertar reflexão sobre tantas complicações, do Brasil e do mundo?

² Em outro texto recente sobre *Grande sertão: veredas*, publicado no programa do espetáculo-instalação de Bia Lessa homônimo ao romance, Silviano Santiago ([s.n.t.]) ressalta a “alegria de viver” no animal humano: “Extraordinário em Guimarães Rosa é que, no mais profundo da vida humana miserável e autodestrutiva, na morte, há lugar para o afeto e o amor. Ao compasso de espera, Riobaldo e Diadorim dançam novos e felizes tempos. Piscam a alegria de viver, como vagalumes que a mata libera à noite”. Encenada em capitais do Brasil a partir do segundo semestre de 2017, a montagem que contou com colaboração de Silviano também reitera antigas tendências à positivação mistificadora da trajetória do herói no romance de Rosa. Como, ao que tudo indica, estamos, neste exato momento, bem longe de “novos e felizes tempos”, tal tipo de apropriação utópica de *Grande sertão: veredas*, abolindo a dimensão da história social, privilegia o que há nele de conformismo individualista.

Referências

BUENO, L. Guimarães, Clarice e antes. *Teresa*, São Paulo, n. 2, ed. 34, p. 249-261, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTIAGO, Silvano. [Para Bia Lessa, só o espetáculo teatral pode expandir a forma inovadora da literatura]. In: *GRANDE sertão: veredas* – espetáculo-instalação de Bia Lessa a partir da obra de João Guimarães Rosa. Programa do espetáculo distribuído em unidades do Centro Cultural do Banco do Brasil entre 2017 e 2018. [s.n.t].

SANTIAGO, Silvano. A aula inaugural de Clarice. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 dez. 1997. Caderno Mais!

SANTIAGO, Silvano. *Genealogia da ferocidade: ensaio sobre Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Recife: Cepe, 2017.

Data de recebimento: 1º de maio de 2018.

Data de aprovação: 25 de junho de 2018.